

# **A TELEVISÃO E OS JOVENS: UMA APROXIMAÇÃO AOS HÁBITOS DE CONSUMO, OPINIÕES E SENTIMENTOS RELATIVAMENTE À VIOLÊNCIA OBSERVADA NA TELEVISÃO**

**Glória Jólluskin**

Professora Auxiliar

Universidade Fernando Pessoa

gloria@ufp.edu.pt

## **RESUMO**

As crianças e jovens são um dos grupos que mais vê televisão. Por outro lado, tem vindo a aumentar a sensibilidade social perante o excesso de actos violentos a que estes assistem através dos meios de comunicação. Fruto desta preocupação, nas últimas décadas, têm vindo a ser desenvolvidos estudos que tentam explorar os hábitos de consumo televisivos, assim como os efeitos que a violência emitida pela televisão tem sobre as crianças e jovens. Com este trabalho pretendemos dar um pequeno contributo no âmbito desta linha de investigação.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Jovens, violência em televisão, hábitos de consumo.

### **ABSTRACT**

Children and young people are one of the most exposed groups to media content. On the other hand, social awareness has increased towards the amount of violence that young people are exposed to in media content. As a result of this concern, in the last decades many studies have been developed to explore youth television habits, as well as the effects of TV violence on this group. In this work we try to give a little contribution to this research line.

### **KEY WORDS**

Youth, TV violence, consumer habits.

### **INTRODUÇÃO**

A literatura tem vindo a demonstrar que as crianças e os jovens são um dos grupos etários que mais vê televisão. Os estudos de audiência mostram que, em média, as crianças passam mais de três horas por dia a ver televisão (p.ex. Groebel, 1998). Também se verifica que uma parte importante da programação preferida pelas crianças está dirigida ao público adulto e é emitida fora do horário infantil.

Por outro lado, tem vindo a aumentar a sensibilidade social perante a violência visionada pelas crianças, manifestada através da preocupação sobre o excesso de actos violentos que estas contemplam, assim como a repercussão que estas imagens podem ter na infância. Entre os efeitos produzidos pela televisão, tem-se destacado o aumento da agressividade, perturbações do sono (insónias, pesadelos), atrasos na linguagem, um vocabulário pobre ou problemas escolares (Muñoz e Pedrero, 1996). Neste tipo de estudos, têm sido identificados efeitos negativos do visionamento dos programas de televisão.

Muitas das investigações realizadas sobre os efeitos do consumo de televisão no comportamento das crianças envolvem uma preocupação com o tempo que estas passam a ver televisão. Alguns estudos apontam que os adolescentes passam mais tempo com os média do que a dormir ou a desenvolver uma actividade de lazer (Dahl, 2009; Escovar-Chaves e Anderson, 2008). Porém, existem diferenças entre países, neste sentido. Assim, em alguns países, como nos Estados Unidos, as crianças chegam a passar entre quatro a seis horas a ver televisão. No entanto, em outros países, como Canadá, a cifra diminui significativamente (Pinto, 2000).

Também Groebel (1998) realizou um importante estudo internacional, com mais

de 5000 crianças de doze anos, nos seguintes vinte e três países: Angola, Argentina, Arménia, Brasil, Canadá, Costa Rica, Croácia, Egípto, Fidji, Alemanha, Índia, Japão, Maurício, Países Baixos, Peru, Filipinas, Qatar, África do Sul, Espanha, Tadjiquistão, Togo, Trinidad e Tobago e Ucrânia. Os resultados mostraram que 93% das crianças tinham acesso a um televisor. Esta percentagem variava entre 99% no Canadá e nos países da Europa e 83% nos países africanos participantes no estudo. Em média, as crianças passavam três horas por dia a ver televisão, o que pressupunha no mínimo a metade do tempo que realizavam outras actividades, como estudar, ler ou estar com a família ou amigos. Muito embora no estudo não tenham sido incluídos países como Estados Unidos e Rússia, gostaríamos de ressaltar o interesse do estudo pela amplitude da amostra utilizada, assim como pela abrangência cultural que contempla.

Na mesma linha, um estudo de Aran *et al* (2003) mostrou que a televisão está presente na maioria dos lares dos pré-adolescentes (72%), existindo uma correlação positiva entre o número de aparelhos de televisão e o número de horas que as crianças passam em frente ao televisor. Segundo as próprias crianças, a televisão ocupa uma parte importante do seu tempo. Assim, 83% das crianças opina que vê bastante televisão ou que o faz durante muito tempo. As crianças costumam ver televisão antes e depois da escola, e também ao mesmo tempo em que desenvolvem outras actividades, como lanchar ou fazer as tarefas de casa (81,6% dos inquiridos). O controlo dos pais relativamente aos conteúdos dos programas de televisão é diverso, segundo a oferta televisiva e a pluralidade das preferências expressadas pelas crianças. Assim, as crianças consideram que são elas que decidem sobre o controlo-remoto da televisão. Uma fatia de 47,4% afirma que a decisão sobre que programa ver é partilhada com os pais. No entanto 30,1% afirma que é ele/ela próprio/a quem controla os canais.

Em Portugal, ainda existem poucos estudos relacionados com esta temática, realizados quer a partir da perspectiva das Ciências da Informação (p.e. Pinto, 2000), quer sob a perspectiva das Ciências da Educação (p.ex. Matos, 2006).

Assim, Pinto (2000) utilizou uma amostra de setecentos e vinte e sete alunos, de idades compreendidas entre os oito e os doze anos de idade. Relativamente ao consumo de televisão, concluiu que nos dias de aulas, mais de três quartas partes dos inquiridos declaram ver em média duas ou mais horas de televisão por dia, e perto de 30% admitem ver quatro ou mais horas. O tempo dispendido a ver televisão aumenta substancialmente no fim-de-semana: nove em cada dez crianças vêem televisão durante pelo menos duas horas, sendo que 60% afirmaram ver pelo menos quatro horas e cerca de um quarto, pelo menos, seis horas em média. De um modo

geral a média diária de consumo ronda as três horas nos dias de aulas e ultrapassa ligeiramente as quatro horas no fim-de-semana.

Pela sua parte, Matos (2006) realizou um estudo com crianças do 4º, 6º e 8º ano de escolaridade, verificando que a maioria delas entre os nove e dezasseis anos afirmaram gostar de ver televisão (84,1%). Quando questionados sobre o número de televisores que tinham em casa, a autora constatou que 33,8% dos participantes tinha dois televisores, respondendo quase metade deles que tinha TV no quarto. Esta tendência é mais notória entre os rapazes, entre os participantes que vivem no meio urbano, e entre o grupo etário dos catorze aos dezasseis anos. Durante a semana, a maior parte dos participantes afirmaram ver televisão uma ou duas horas por dia (34.9%). No entanto, a maioria da amostra indicou que via televisão menos de uma hora (32.1%) e entre duas e três horas (17.9%). Já durante o fim-de-semana, esta tendência muda, respondendo a maioria dos participantes que vê mais de quatro horas de televisão (41.2%), e situando-se a maioria da amostra entre uma e quatro horas (55.6%). Só uma minoria respondeu que o seu consumo era de menos de uma hora (2.7%).

Relativamente à questão do contexto de exposição à televisão, a maior parte dos participantes respondeu que, sobretudo, vê televisão em companhia dos pais (45.4% algumas vezes e 40.7% muitas vezes) e irmãos (30.4% algumas vezes e 29.1% muitas vezes). Este controlo parental tende a diminuir com a idade das crianças, e tende a ser mais elevado entre os participantes de nível socioeconómico mais elevado, mas só no que diz respeito ao tempo de exposição.

Relativamente ao controlo parental, Matos (2006) observa uma diferença relativamente ao tempo e ao conteúdo dos programas de televisão. Assim, 53.7% dos participantes respondeu que os pais algumas vezes controlam o tempo que vêem televisão, embora uma grande percentagem (38.1%) seja mais permissiva relativamente ao tempo que os filhos vêem televisão. Esta percentagem aumenta no que diz respeito ao conteúdo dos programas. Assim, 70.3% dos participantes afirma que os pais não controlam os programas que eles vêem ou que o fazem algumas vezes. Por outras palavras, na linha da leitura realizada por Matos, tudo parece indicar que os pais se preocupam mais com o tempo de exposição do que com o conteúdo dos programas. Porém, gostaríamos de salientar que esta autora também se deparou com o facto de que uma percentagem minoritária, mas importante, de participantes respondeu que os pais se mostram mais preocupados com o conteúdo dos programas (17.1%) do que com o tempo de exposição (8.2%).

Num estudo recente, Carrilho (2008) indica que as crianças entre os dez e os dezasseis anos costumam ver televisão (97,2%), afirmando que gostam de o fazer

(92,2%). De entre os tipos de programas mais vistos destacam-se os desenhos animados, os filmes de aventuras, os programas de humor, as telenovelas (entre as raparigas) e os jogos de futebol (entre os rapazes). Relativamente ao número de horas em que vêem televisão, esta autora verificou que o público infanto-juvenil vê mais televisão aos fins-de-semana, sobretudo aos sábados (sete horas e meia em média), reduzindo-se a exposição à TV durante o domingo (sete horas) e durante a semana (quatro horas e meia). O consumo de televisão aumenta ligeiramente durante o período de férias. Além disso, as crianças reconhecem que a televisão constitui uma ferramenta de aprendizagem que lhes permite ter conhecimentos sobre a realidade que os rodeia, acontecimentos e experiências, além de servir como distração.

Relativamente à violência na televisão, Groebel (1998) no estudo anteriormente citado, refere que, muito embora existam diferenças culturais entre os distintos contextos estudados, os modelos básicos das implicações da violência nos meios de comunicação são semelhantes em todos os países. A violência costuma ser apresentada num contexto compensador, e esta recompensa da agressividade é incentivada muito mais frequentemente do que as formas pacíficas de lidar com a vida. Para os meninos, cria um quadro de referência em relação aos papéis sexuais. Neste sentido, o herói é predominantemente uma figura masculina, normalmente de aspecto físico vigoroso, atraente, corajoso, inventivo e divertido, que muitas vezes tem acesso a poderes extraordinários (Pinto, 2000).

À luz dos resultados destes estudos, podemos então concluir que a televisão se tem convertido numa fonte importante de socialização a nível mundial, tanto nos ambientes urbanos como nos rurais. Cientes da importância que a televisão ocupa nas vidas das crianças e adolescentes, decidimos realizar um estudo para conhecer melhor os hábitos de consumo televisivo desenvolvidos por crianças da região norte, assim como para estudar de que forma percebem a violência observada.

## **1. OBJECTIVOS**

Com este trabalho pretendeu-se complementar os estudos realizados anteriormente sobre os hábitos de consumo de televisão (Carrilho, 2008; Matos, 2006; Pinto, 2000). Por outro lado, apesar de os estudos anteriormente mencionados não mostrarem interesse em estudar a percepção da violência por parte das crianças, pretendemos realizar uma análise preliminar das atitudes e interpretação que os jovens fazem da violência observada através da televisão.

## 2. PARTICIPANTES

Utilizámos para a realização deste trabalho uma amostra de conveniência constituída por cento e dezasseis alunos do 8º e 9º ano de escolaridade, pertencentes a um agrupamento de escolas de Braga, situado em meio urbano, com idades compreendidas entre os treze e os dezasseis anos ( $M=13.89$ ), dos quais sessenta e dois (53%) eram do sexo masculino. Devido às questões éticas implicadas, foram excluídos da amostra os jovens que não receberam autorização por parte dos encarregados de educação ou que recusaram participar no estudo. Apenas dois jovens foram excluídos do estudo.

## 3. MATERIAL

Para a realização deste estudo foi utilizado um questionário, elaborado especificamente para esta investigação. Este questionário continha duas partes. Na primeira, estavam incluídas perguntas destinadas a elaborar o perfil sócio-demográfico e a caracterização dos hábitos televisivos dos participantes. Na segunda parte, com o objectivo de analisar as respostas emocionais e as cognições dos participantes perante os conteúdos violentos observados, incluímos uma série de questões sobre a percepção da violência observada na televisão pelos participantes, colocadas de forma bipolar de tipo diferencial semântico. A escolha deste tipo de escala prende-se com o facto de este trabalho ser ainda uma etapa de estudos preliminar. Esta técnica foi proposta em 1957 por Osgood, Suci e Tannenbaum para medir atitudes (Osgood, Suci e Tannenbaum, 1976), coligindo informação sobre as emoções, conotações ou significados afectivos que o objecto avaliado gera. No diferencial semântico, as características a avaliar foram apresentadas de forma bipolar, onde o ponto médio seria o ponto neutro, mediando entre ambos os extremos uma série de valores.

## 4. PROCEDIMENTO

Antes de proceder à recolha de dados, realizou-se um pedido de autorização a um agrupamento de escolas de Braga, assim como aos encarregados de educação. Após a obtenção das autorizações, foram agendados dois dias para administração do instrumento.

No momento da recolha dos dados, foi apresentado aos jovens o estudo que se pretendia realizar. Os participantes foram informados verbalmente e por escrito sobre o carácter voluntário da sua participação neste estudo, salvaguardando que a não-participação no estudo não teria como consequência qualquer tipo de penalização. Foram também informados de que podiam desistir de participar na investigação em qualquer momento, sem que isso causasse qualquer tipo de prejuízo ou penalização. Informámos igualmente que seria garantida a confidencialidade dos dados e que estes seriam unicamente utilizados para fins de investigação. Posteriormente, solicitou-se aos participantes que preenchessem um breve questionário sócio-demográfico. Neste questionário, não foi incluído nenhum dado que permitisse a identificação dos participantes, garantindo assim o anonimato.

## **5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

### **5.1. DESCRIÇÃO DOS HÁBITOS DE CONSUMO TELEVISIVO DOS JOVENS**

O processo de análise dos resultados inicia-se com uma descrição do consumo dos média por parte dos participantes. Os dados podem consultar-se no Quadro 1.

Começámos por perguntar se os participantes gostavam de ver televisão. Todos os jovens inquiridos responderam afirmativamente a esta questão. Relativamente ao tempo que passam a ver televisão, podemos afirmar que a maior parte dos participantes depende diariamente entre duas e três horas (39,3%) ou entre uma e duas horas (35,0%) em frente à televisão. Com o objectivo de analisar se existiam diferenças entre os sexos no que diz respeito ao tempo passado a ver televisão, realizámos uma análise diferencial. Contudo, não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre os sexos no que diz respeito a esta variável ( $t(115)=1,267$ ;  $p > 0,05$ ).

Questionados sobre o número de televisores que tinham em casa, encontramos um grande grupo que afirmava ter cinco ou mais televisores (36.8%) ou quatro aparelhos (20.5%). Destaca-se o facto de só um dos participantes ter respondido que apenas tinha um televisor. Além disso, a maioria (73.5%) tem televisão no quarto, podendo assim considerar-se que a televisão tem grande destaque em muitos lares e na vida quotidiana das pessoas, uma vez que possuir mais de quatro televisões em casa permite a visualização independente por parte de cada membro da família.

HÁBITOS DE CONSUMO TELEVISIVOS		N	%
Tempo dispendido a ver televisão	Menos de 1 hora	9	7,7
	Entre 1 e 2 horas	41	35,0
	Entre 2 e 3 horas	46	39,3
	Mais de 3 horas	21	17,9
Número de televisores em casa	1	1	0,9
	2	22	18,8
	3	27	23,1
	4	24	20,5
	5 ou mais	43	36,8
Com quem vêem televisão	Pais	82	70,1
	Irmãos	79	67,5
	Amigos	54	46,1
	Outros familiares	29	24,8
	Sozinho	6	5,1
Controlo parental sobre os conteúdos programáticos	Nunca	51	43,6
	Algumas vezes	32	27,4
	Muitas vezes	17	14,5
	Sempre	17	14,5
	Total	117	100
Controlo parental sobre o tempo a ver TV	Nunca	43	36,8
	Algumas vezes	55	47,0
	Muitas vezes	8	6,8
	Sempre	11	9,4

QUADRO 1 - Frequências e percentagens das variáveis relativas aos hábitos de consumo televisivos.

Interessou-nos também conhecer o contexto em que os participantes neste estudo habitualmente vêem televisão. Da análise do Quadro 1 há a destacar os dados que revelam que os participantes assistem à televisão, sobretudo, na companhia dos pais (70.1%), sendo que apenas seis adolescentes (5.1%) vêem televisão sozinhos. O total das respostas é superior ao número de participantes, uma vez que foi permitido que cada participante desse mais de uma resposta.

Apesar dos dados anteriores, quando se perguntou aos participantes se os pais controlam os programas televisivos observados, a maioria dos participantes respondeu que “nunca” (43.6%) ou “algumas vezes” (27.4%). Algo semelhante acontece no

que se refere ao controlo dos pais sobre o tempo que vêem televisão. Desta forma, verificámos novamente que as respostas “algumas vezes” (47%) e “nunca” (36.8%) voltam a ser as mais mencionadas. Estes dados parecem indicar que, embora fisicamente presentes, os pais nem sempre estão atentos aos conteúdos televisivos que vêem os seus filhos, nem ao tempo que estes passam em frente ao televisor.

## 5.2. OPINIÃO DOS PARTICIPANTES SOBRE A VIOLÊNCIA NOS FILMES

Quando questionados sobre a opinião que tinham no que respeita à violência em televisão, verificou-se que, no geral, as crianças manifestam atitudes relativamente neutras em relação à violência nos filmes. Assim, encontramos médias muito próximas ao ponto médio nas categorias “Boa/Má” ( $M=2,83$ ;  $DP= 1,28$ ), “irrealista/realista” ( $M=2,96$ ;  $DP= 1,27$ ), “agradável/desagradável” ( $M=2,93$ ;  $DP= 1,31$ , ou “credível / nada credível” ( $M=2,91$ ;  $DP= 1,20$ ). Porém, devemos destacar as categorias “necessária/desnecessária” ( $M=3,30$ ;  $DP= 1,25$ ) e “positiva/negativa” ( $M=3,25$ ;  $DP= 1,40$ ) e “cruel/sensível” ( $M=2,44$ ;  $DP= 1,26$ ), uma vez que são as que mais se distanciam da média. Neste sentido, poderíamos concluir que as crianças opinam que a violência na televisão é rotulada com sentido negativo, sendo às vezes gratuita.

Ante estes resultados, e de forma a obter mais informação acerca da opinião sobre as cenas violentas observadas através da televisão, realizou-se uma comparação entre a distribuição de frequências nas diferentes categorias.

Encontrámos a mesma tendência ao analisar as respostas sobre as emoções sentidas ao observar cenas violentas. Novamente se verificou que as crianças manifestam reações emocionais neutras perante uma cena de violência observada através do ecrã. Apenas podemos destacar a categoria “Activo/Relaxado” ( $M=2,25$ ;  $DP= 1,15$ ), sugerindo que os participantes sentem certos níveis de actividade ao observar cenas de violência. Assim, as crianças respondem com uma atitude indiferente no que se refere à violência observada através do ecrã, o que poderia indicar uma certa insensibilidade perante este fenómeno.

Analisando as respostas dadas pelos participantes ante estas questões verificamos que, muito embora a maior parte das respostas conflua no ponto médio da escala, uma parte importante da nossa amostra agrupa-se nos pontos extremos. Assim, podemos destacar novamente a categoria “Activo/Relaxado”. Nesta categoria, a maioria dos participantes respondeu que se sentia “activo” (35.9%) ou “mais ou menos activo” (17.9%), sendo apenas dez os participantes que responderam que se sentiam relaxados. Porém, em algumas categorias encontrámos uma grande dis-

crepância no que se refere às emoções sentidas. Assim, por exemplo, enquanto uma fatia dos participantes afirma que quando vê cenas violentas se sente “intranquilo” (23.9%), “mal-disposto” (14,5%), “revoltado” (19.7%) ou “mal” (19.7%), há igualmente uma parte importante que respondeu sentir-se “tranquilo” (18.8%), “bem-disposto” (20.5%), “calmo” (12.8 %) e “bem” (22.2%).

CATEGORIA		DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS					CATEGORIA
		1	2	3	4	5	
Boas	F	23	19	47	11	17	Más
	%	19,7	16,2	40,2	9,4	14,5	
Atractivas	F	33	21	43	7	13	Pouco atractivas
	%	28,2	17,9	36,8	6,0	11,1	
Inteligentes	F	24	11	43	13	26	Pouco inteligentes
	%	20,5	9,4	36,8	11,1	22,2	
Duras	F	50	15	42	5	5	Suaves
	%	42,7	12,8	35,9	4,3	4,3	
Necessárias	F	13	11	50	14	29	Desnecessárias
	%	11,1	9,4	42,7	12,0	24,8	
Irrealistas	F	19	20	44	15	19	Realistas
	%	16,2	17,1	37,6	12,8	16,2	
Inadequadas	F	29	15	49	11	13	Adequadas
	%	24,8	12,8	41,9	9,4	11,1	
Agradáveis	F	25	10	49	14	19	Desagradáveis
	%	21,4	8,5	41,9	12,0	16,2	
Positivas	F	21	9	38	18	31	Negativas
	%	17,9	7,7	32,5	15,4	26,5	
Divertidas	F	35	18	47	8	9	Aborrecidas
	%	29,9	15,4	40,2	6,8	7,7	
Credíveis	F	18	18	56	7	18	Nada credíveis
	%	15,4	15,4	47,9	6,0	15,4	
Cruéis	F	39	16	45	6	11	Sensíveis
	%	33,3	13,7	38,5	5,1	9,4	

QUADRO 2 - Frequências e percentagens das respostas sobre as opiniões relativamente às cenas violentas observadas através da televisão.

De uma forma definitiva, parece poder afirmar-se que a percepção das crianças sobre a violência observada nos meios de comunicação nem sempre corresponde à percepção social da mesma.

CATEGORIA		DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS					CATEGORIA
		1	2	3	4	5	
Tranquilo	F	22	7	45	15	28	Intranquilo
	%	18,8	6,0	38,5	12,8	23,9	
Activo	F	42	21	44	3	7	Relaxado
	%	35,9	17,9	37,6	2,6	6,0	
Triste	F	18	8	55	16	20	Alegre
	%	15,4	6,8	47,0	13,7	17,1	
Confortável	F	19	11	52	11	24	Desconfortável
	%	16,2	9,4	44,4	9,4	20,5	
Bem disposto	F	24	12	51	13	17	Mal disposto
	%	20,5	10,3	43,6	11,1	14,5	
Revoltado	F	23	13	55	11	15	Calmo
	%	19,7	11,1	47,0	9,4	12,8	
Bem	F	26	5	54	9	23	Mal
	%	22,2	4,3	46,2	7,7	19,7	

QUADRO 3 - Frequências e percentagens das respostas sobre as emoções sentidas ao observar cenas violentas através da televisão.

## CONCLUSÕES

Os meios de comunicação, e em especial a televisão, têm uma relevância social e cultural indiscutível. Os dados anteriormente apresentados permitem-nos retirar algumas conclusões a respeito da importância que os participantes deste estudo atribuem à televisão na sua vida diária. Os jovens afirmaram gostar de ver televisão e, de acordo com este resultado dedicam, de facto, um considerável período de tempo a este meio. A corroborar a importância e o tempo dedicado pelos participantes à televisão está também a acessibilidade a este meio de comunicação, visível no número de televisões encontradas por habitação, assim como no facto de que a quase totalidade da amostra ter televisão no quarto. No entanto, muito embora os partici-

pantes afirmem que os seus pais estão presentes quando estão a ver televisão, não existe um grande controlo por parte dos pais sobre o tempo que despendem e os programas que os participantes vêem. Por outras palavras, evidencia-se uma falta de supervisão parental no que se refere aos hábitos de consumo dos média.

Por outro lado, encontrámos uma forte tendência para a indiferença relativamente à opinião que os jovens têm sobre a violência observada através da televisão, muito embora uma parte importante das respostas dadas pelos nossos participantes se situe nos extremos das escalas. Porém, deveríamos também reflectir sobre este facto, uma vez que as opiniões dos participantes se encontram profundamente divididas neste sentido, e muitas vezes, não correspondem à imagem social da violência na televisão.

A literatura sobre os efeitos da exposição a conteúdos televisivos costuma salientar as consequências negativas sobre crianças e jovens, culpabilizando a televisão pelos comportamentos agressivos que estes desenvolvem (p.ex. Bushman e Huesmann, 2006). Por outro lado, também a população em geral expressa o seu mal-estar relativamente à violência, responsabilizando os meios de comunicação pelo seu exacerbamento. Embora conscientes da responsabilidade dos profissionais da comunicação, não nos parece adequado situar os meios de comunicação, e a televisão em particular, no centro da vida social, mas sim num contexto social determinado, com usos sociais concretos e sem retirar protagonismo ao observador, este por ter um papel fundamental na interpretação das mensagens observadas. Neste sentido, poderíamos argumentar que muitas vezes se esquece a importância da escola e da família como agentes socializadores, e a grande responsabilidade que estas têm na educação infantil.

Os dados da nossa investigação sugerem que os pais não estão a funcionar adequadamente como agentes de socialização. Em relação aos filhos, e do ponto de vista psicológico, é preocupante o grande volume de respostas neutras que encontrámos relativamente à opinião e emoções sentidas relativamente à violência nos programas de televisão. Perante os resultados encontrados, sugerimos a possibilidade de implementar algum tipo de intervenção com os pais no sentido de os alertar sobre os efeitos que a falta de supervisão, numa perspectiva geral (e não só relativamente aos hábitos de consumo dos filhos) pode ter no futuro. Neste sentido, e tendo como ponto de partida uma vertente multidisciplinar que inclua as perspectivas psicológica e educativa, as escolas de pais poderiam levar a cabo um trabalho valioso.

Por outro lado, esta mudança de perspectiva implica também uma reformulação das estratégias metodológicas a utilizar nos estudos sobre este tema. Na nossa inves-

tigação tentámos ter em consideração a disposição pessoal dos observadores, neste caso jovens, assim como o contexto familiar e social no qual se vê televisão. Temos consciência de que não conseguimos incluir totalmente os aspectos anteriormente mencionados, assim como da necessidade de trabalhar estas questões em futuras investigações. Neste sentido, poderia ser uma mais-valia recorrer a metodologias qualitativas, que permitissem aprofundar as respostas dos participantes relativamente à opinião, percepção e emoções sentidas ao observar violência na televisão.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a ajuda desinteressada de Dina Gomes, pela sua contribuição durante a fase de recolha de dados.

## BIBLIOGRAFIA

ARAN, S., BARATA, F., BUSQUET, J., MEDIN P. & MORON, S. (2003). Infancia, violencia y televisión: usos televisivos y percepción infantil de la violencia en la televisión. In: *Quaderns del CAC*, 17, pp. 23-31

BUSHMAN, B. J., & HUESMAN, L. R. (2006). Short-term and long-term effects of violent media on aggression in children and adults. In: *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 160, pp. 348 – 352.

CARRILHO, S. M. (2008). *A criança e a televisão: Contributos para o estudo da recepção*. Lisboa, Bond.

DAHL, G. (2009). Does movie violence increase violent crime? In: *Quarterly Journal of Economics*, 142(2), pp. 677-734.

ESCOBAR-CHAVES, S. L., & ANDERSON, C. A. (2008). Media and risky behaviors. In: *The Future of Children*, 1(18), pp. 147-180.

GROEBEL, J. (1998). Media violence and children. In: *Educational Media International*, 35 (3), pp. 216-227.

MATOS, A. P. M. M. (2006). *Televisão e violência (para) Novas Formas de Olhar*. Coimbra, Almedina.

MUÑOZ, J. J. & PEDRERO, L. M. (1996). *La televisión y los niños*. Salamanca, Cervantes.

PINTO, M. (2000). *A Televisão no Quotidiano das Crianças*. Porto, Afrontamento.

OSGOOD, Ch., SUCCI, G. & TANNENBAUM, P. (1976). *La medida del significado*. Madrid, Gredos.